



ESPÉCIES VEGETAIS NATIVAS DA CAATINGA UTILIZADAS NO COTIDIANO DOS AGRICULTORES NO MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ/PB

Fabício Correia Diniz

fabriciobiol@yahoo.com.br

Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Biologia, Campina Grande - PB..

Erivágna Rodrigues de Moraes – Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Biologia, Campina Grande - PB.

Sérgio de Faria Lopes – Pós-Graduação em Ecologia e Conservação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB.

INTRODUÇÃO

O Bioma Caatinga apresenta uma significativa heterogeneidade ambiental (Silva, 2003) com uma ampla biodiversidade. Entretanto, este bioma continua passando por um extenso processo de alteração e deterioração ambiental provocado pelo uso insustentável dos seus recursos naturais, o que está levando a uma rápida perda de espécies endêmicas (Araújo *et al*, 2011; Leal *et al*, 2003). O Cariri Paraibano compreende a área mais seca deste bioma (Araújo *et al*, 2011), sendo notável a potencialidade da interferência antrópica que influencia abruptamente na alteração da paisagem devido ao uso insustentável destes recursos (Costa *et al*, 2009), especialmente da flora. Para Albuquerque (2002), é necessário investigar a relação pessoas/plantas para registrar e conhecer as estratégias e conhecimentos dos povos locais, procurando usar essa informação em benefício destas mesmas comunidades.

OBJETIVOS

Objetivou-se identificar as espécies vegetais nativas utilizadas pelos agricultores no município de Santo André/PB, levando-se em consideração a percepção de uso, conservação e risco de extinção.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi realizado de junho a dezembro de 2012 no município de Santo André/PB, considerando 191 agricultores. Utilizou-se na coleta de dados observações em reuniões das Associações Rurais, visitas domiciliares e entrevistas semiestruturadas. Os dados coletados foram analisados de forma qualitativa e quantitativa e utilizou-se de livros técnicos para a identificação das espécies vegetais amostradas.

RESULTADOS

Os agricultores considerados na pesquisa citaram 28 espécies nativas que são utilizadas como medicamentos, lenha, carvão, queima de cactos para os animais, construções, cercas, carroças e alimentação animal. Entre elas, destaca-se o umbú que é utilizado na alimentação humana. As espécies são organizadas por percentual de uso: xique-xique

(*Pilocereus setusus*) 12,04%; joazeiro (*Ziziphus joazeiro*) 9,42%; cardeiro (*Cereus jamacaru*); 8,90%; aroeira (*Myracrodruon urundueva*) 7,72%; umbuzeiro (*Spondias tuberosa*) 6,80%; catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*) 6,28%; baraúna (*Schinopsis brasiliensis*) 5,75%; facheiro (*Cereus squamosus*) Ceuer 5,23%; macambira (*Bromelia laciniosa*) 4,18%; mulungú (*Erythrina velutina*) 4,18%; quixabeira (*Bumelia sartorum*) 4,18%; pereiro (*Aspidosperma pyriforme*) 3,66%; umburana (*Commiphora leptophloeos*) 3,66%; angico (*Piptadenia macrocarpa*) 2,61%; craibeira (*Tabebuia caraíba*) 2,09%; marmeleiro (*Croton sonderianus*) 2,09%; jurema de imbirá (*Piptadenia stipulacea*) 2,09%; ameixa (*Ximenia americana*) 1,04%; coroa de frade (*Melocactus bahiensis*) 1,04%; favela (*Cnidoscopus phyllacanthus*) 1,04%; feijão bravo (*Capparis cynophallophora*) 1,04%; jucá (*Caesalpinia ferrea*) 1,04%; mororó (*Bauhinia cheilanta*) 1,04%; mucunã (*Dioclea grandiflora*) 1,04%; canafistula (*Cassia martiana*) 0,52%; cumarú (*Amburana cearensis*) 0,52%, marizeiro (*Geoffroea spinosa*) 0,52% e oiticica (*Licania rigida*) 0,52%. Detectaram-se quatro espécies prejudiciais, segundo os agricultores: o angico (*Piptadenia macrocarpa*) e a maniçoba (*Manihot glaziovii*), são tóxicas e sua ingestão provoca a morte de animais, também o pereiro (*Aspidosperma pyriforme*), quando ingerido, provoca o aborto em cabras e ovelhas. E por fim a favela (*Cnidoscopus phyllacanthus*), apresenta folhas urticantes que queimam a pele. Os agricultores afirmam que a queda no número de indivíduos dentro das populações destas espécies se dá em virtude das condições de uso insustentável, onde não há um manejo adequado que condicione a conservação desta vegetação e ainda não há reposição através de reflorestamento. Todas as espécies citadas se encontram em risco de extinção, segundo os mesmos, com exceção das canafistula (*Cassia martiana*), coroa de frade (*Melocactus bahiensis*), favela (*Cnidoscopus phyllacanthus*), marizeiro (*Geoffroea spinosa*), marmeleiro (*Croton sonderianus*), mucunã (*Dioclea grandiflora*) e oiticica (*Licania rigida*).

DISCUSSÃO

A partir de levantamentos das potencialidades vegetais disponíveis de uma comunidade, pode-se traçar planos de recuperação e de conservação da área estudada, assim com a otimização dos usos pelos seus moradores, e ao mesmo tempo se ampliam às perspectivas das gerações futuras usufruírem destes recursos (Roque *et al*, 2010). Neste sentido, percebe-se que todos os agricultores se encontram sensíveis ao processo de exploração da flora local, mas não se encontram preparados para o processo de conservação. O destaque das Cactaceae xique-xique - 12,04%, cardeiro - 8,90% e facheiro - 5,23% na utilização se deu devido a ocorrência da seca periódica atual, onde são utilizadas como forragem animal, sendo complementada com a macambira, o joazeiro e o feijão bravo. Percebe-se que há uma dinâmica entre o uso, conservação e a preocupação em relação à extinção de algumas espécies nativas. Além disso, esta informação é reforçada quando observa-se a coincidência dos dados entre as mesmas espécies utilizadas pelos agricultores e aquelas encontradas em risco de extinção. .

CONCLUSÃO

Os agricultores familiares do município de Santo André/PB citaram 28 espécies nativas que são utilizadas de modo geral para suas necessidades diárias no ambiente rural. Os agricultores se encontram sensíveis ao processo de uso, conservação e citaram que 21 espécies correm o risco de extinção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U. P. de. Etnobotânica para a Conservação e uso sustentável da Biodiversidade. In: Biodiversidade, Conservação e Uso Sustentável da Flora do Brasil. Recife: UFRPE, 2002. p. 244-246.

ARAÚJO, C. DE S. F.; SOUSA, A. N. de. Estudo do processo de desertificação na Caatinga: uma proposta de educação ambiental. Ciência e Educação. Vol. 17, nº 4 Baurú, 2011.

COSTA, T. C. E C.; ACCIOLY, L. J. DE O.; OLIVEIRA, L. M. T. OLIVEIRA, M. A. J.; GUIMARÃES, D. P. Interação de fatores biofísicos e antrópicos com a diversidade florística na indicação de áreas para conservação do Bioma Caatinga. Sociedade e Natureza. Vol. 21 nº 1. Uberlândia, apr. 2009.

LEAL, I. R.; TABARELLI, J. M. C. DA S. Ecologia e Conservação da Caatinga - Recife: Ed. Universitaria da UFPE, 2003. 822p.

ROQUE, A. A.; ROCHA, R. M.; LOIOLA, M. I. B. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte(Nordeste do Brasil). Revista Brasileira de Plantas Mediciniais. Vol. 12 n° 1 Botucatu, jan./mar. 2010.

SILVA, R. A. DA; SANTOS, A. M. M.; TABARELLI, M. Riqueza e diversidade de plantas lenhosas em cinco unidades de paisagem da Caatinga. In: Leal, I. R.; Tabarelli, J. M. C. da S. Ecologia e Conservação da Caatinga - Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003. p. 337-366.